

A invenção sinthomática e o *savoir-y-faire*

Gabriela Chediak Seganfredo

Além das três identificações (ao pai, ao traço unário e a identificação histérica) conhecidas da teoria psicanalítica e responsáveis pela estruturação do sujeito, tentarei defender aqui a ideia de que ao final de uma análise há que se haver uma 4ª identificação, a identificação ao sinthoma.

Lacan dedica-se a um seminário inteiro (LACAN, 1975-76) para tratar do que ele vai chamar de sinthoma, com th. Essa nova grafia com th surge para marcar a diferença ao que até então era conhecido no meio psicanalítico como o sintoma. Sinthoma e sintoma não são equivalentes.

Brevemente podemos dizer que o sintoma é um sinal de que algo não vai bem. A partir do momento em que o sujeito entra em análise, ou seja, começa a questionar isso que não vai bem e consegue fazer disso um enigma, o sintoma torna-se um significante que vai sempre remeter a outro significante. Dessa forma, o sintoma é da ordem de uma formação do inconsciente e, como tal, relaciona-se com o recalque, ou melhor, com o retorno do recalado. Enquanto metáfora, requer ser lido e interpretado. Tem relação com o desejo do desejo do Outro. Dizemos que todo sintoma vem suprir uma carência da metáfora paterna, isto é, uma inconsistência, uma falha do pai que é a marca da neurose. Porém, nessa suplência pelo sintoma, resta algo de um irreduzível, algo que não se consegue suprir. Como nos diz Chatel de Brancion, “o sintoma opera para suprir uma carência ao nível do desejo de um pai

efetivo, mas não oferece neste suprir, o que um desejo de pai pode produzir (...).” (CHATEL DE BRANCION, 1998, p.149). Esbarramos, então, com o irreduzível da estrutura que pode encontrar uma saída a partir do *sinthoma*. Veremos isso mais adiante.

O *sinthoma*, por sua vez, não tem nenhuma relação com o retorno do recaiado. Enquanto nominação do real, o *sinthoma* não remete a nenhum outro significante e não tem a ver com o desejo de desejo, mas funciona como a resposta de um sujeito ao ponto irreduzível da estrutura. Resposta esta que se dá por uma invenção, pela fabricação de algo inédito. Assim, o *sinthoma* é o que “(...) vem remediar algo defeituoso que o sintoma denuncia.” (VEGH, 2005, p.94). O *sinthoma* é da ordem do singular, do “mas isso não”.

Diante da maciça demanda do Outro onde o neurótico se obriga, insiste em satisfazer, o “*mas isso não*”, na nossa leitura, vem ocupar uma posição outra, um rompimento nessa obrigação em atender o que supõe lhe demandarem. Trata-se de fazer algo diferente, algo novo com aquilo que até então serviu como determinante do sintoma neurótico. “Quer dizer, é aquilo que busco como singularidade e sustento, portanto, como um valor não tramitável, não negociável”. (HARARI, 2003, p.50).

A primeira leitura que pode-se fazer do seminário sobre o *sinthoma* é a de ver a possibilidade de alguém que não tenha desencadeado a eclosão das manifestações de uma psicose mesmo tendo sofrido a forclusão do significante Nome-do-Pai. Isso fica bem demonstrado tomando o exemplo de James Joyce, que fez sua obra ocupar o lugar de uma suplência do significante Nome-do-Pai ali forcluído. Não é nosso objetivo aqui trabalhar James Joyce, mas tirar desse seminário uma outra leitura que para este trabalho nos interessa mais. Esta outra leitura vem dialogar com o conceito

de Próximo e o de saber no real. Recorreremos ao *Seminário 24 L'insu que sait de l'Une-bévue s'aile à mourre* (1976-77) com o apoio de alguns comentadores que compartilham da mesma leitura e que nos parecem fiéis ao texto lacaniano.

Esta outra leitura do seminário de Lacan sobre o sintoma tem relação com o que podemos chamar de forclusão na neurose, isto é, de que a operatividade do pai enquanto metáfora é sempre falha, incompleta, não-toda, mesmo não se tratando de psicose. Há um limite na metáfora do Nome-do-Pai que faz com que esse significante não esteja completamente no simbólico. Resta algo no real, algo da ordem de um saber. É o que Lacan vai falar em seu *Seminário L'insu...* (1976-77): “O que em certo momento eu chamei o Saber Absoluto é isto: é simplesmente que há saber em alguma parte. Não em qualquer parte! No real.” (LACAN, 1976-77, lição de 15 de fevereiro de 1977). Alain Didier-Weill, que aliás é repetidamente solicitado por Lacan nesse seminário, faz seu comentário sobre esse saber no real:

Existem numerosos termos pelos quais Freud introduziu, durante suas descobertas, o processo cujo efeito de rejeição do significante está na origem da constituição do real. Só retenho, neste momento, os termos *Verwerfung* e *Werfung*¹ na medida em que me permitem introduzir ao fato de que o significante que, de modo privilegiado, é convocado a tombar no real é o pai simbólico. Esses dois termos têm o interesse de criar um par significante que opõe a ideia primeira da rejeição radical e sem esperança de retorno (*Verwerfung*) uma segunda ideia que introduz a uma rejeição de outra natureza, que não ficaria sem esperança de retorno: a supressão do prefixo *ver* confere, efetivamente, ao termo *werfung*, o sentido de uma rejeição que não é marcada pela irreversibilidade característica da forclusão psicótica. (...).

(...) A trama dessa problemática não é delgada, já que desde que Lacan foi levado a interpretar a psicose como efeito da *Verwerfung* do significante do Nome-do-Pai há entre os analistas uma tendência a fazer equivaler o saber no real e a forclusão psicótica. É contra essa tendência objetivante da psicose que devemos nos opor, demonstrando que fundamentar o diagnóstico de psicose implica reconhecer que o significante do Nome-do-Pai, antes de ser simbolizado, segue o caminho necessário de uma queda no real. A compreensão dessa queda permite entender que a forclusão psicótica é, de fato, uma recaída. (DIDIER-WEILL, 1988, p. 151-52).

¹ Didier-Weill diz ter encontrado a palavra *Verwerfung* nos textos de Freud sobre O Homem dos Lobos e Totem e tabu e a palavra *Werfen* no texto sobre A denegação (A negativa).

Recortamos essa citação de Didier-Weill por achá-la fundamental no que tentamos aqui defender. Há sempre uma queda desse saber, do significante do Nome-do-Pai, no real e que não necessariamente tem a ver com a psicose. Como nos diz Vegh, “Há algo em nossa estrutura que é necessariamente fracassado, mesmo na neurose.” (VEGH, 2005, p.136). Sabemos que na estrutura psicótica há a forclusão do significante do Nome-do-Pai, isto é, há uma não inscrição desse significante no simbólico. Na neurose, por sua vez, o que há é uma falha dessa inscrição do significante do Nome-do-Pai, ou seja, tal significante é inscrito no simbólico, mas algo resta falho, caído no real. Assim, devemos nos atentar para a diferença entre “não inscrição” do significante que liga-se à psicose e “falha na inscrição” do significante que é da ordem da neurose. Diante desse fato, a análise nos sinaliza que é preciso saber-fazer alguma coisa com isso que resta no real.

Didier-Weill recorta do trabalho de Freud sobre o chiste a palavra alemã *Verbluffung* para dizer que o significante caído no real é siderante. Depois de muito trabalhar os significados de tal palavra, elege siderado por melhor expressar a posição subjetiva de um sujeito aturdido que fica sem palavras. Cabe salientar que o tempo da *Verbluffung* é um tempo prévio ao do esclarecimento. Tempo prévio a um saber sobre o significante caído no real.

Dessa forma, o significante siderante é o que se espera do poder equivocante de uma interpretação analítica. Quando Lacan em seu *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964) nos diz que a interpretação é uma significação que tem por efeito fazer surgir um significante irreduzível, entendemos que esse significante nada mais é que o significante caído no real, o significante

siderante. “O que é essencial é que ele veja, para além dessa significação, a qual significante – não-senso, irreduzível, traumático – ele está, como sujeito, assujeitado” (LACAN, 1964, p.237). Assim, estando cara-a-cara com o significante siderante, o sujeito é convocado a fazer escolhas, vê-se diante de um impasse: “(...) o sujeito conserva ou perde para o Outro o seu mistério, esta incógnita que o mantém como falasser” (DIDIER-WEILL, 1988, p. 40). Escolhendo permanecer com sua incógnita, o sujeito privilegia o significante siderante que o convocará na busca de respostas, abrindo possibilidades para a invenção de seu estilo, sua singularidade e seu estar no mundo enquanto desejante. Por outro lado, escolhendo o sentido oposto, o suposto sujeito esbarra com o grande Outro sem barra, com o Saber Absoluto sem equivocação. Esse encontro fará com que o sujeito perca sua divisão e a possibilidade de tornar-se desejante. Para o psicótico o que há é só o Saber Absoluto, ele não pode contradizê-lo, equivocá-lo como o neurótico, ficando dele seu servo. O neurótico, por sua vez, tem a possibilidade de esburacar esse Saber Absoluto podendo ir além, construindo com seu sintoma algo que o tire da sideração e que corrija a falha de sua estrutura. Assim, concordamos com a leitura de Didier-Weill quando diz que:

Se Lacan foi, ao fim de seu ensinamento, conduzido a debruçar-se sobre a experiência da sideração para abordar a questão da produção de um “significante novo” pelo analista, é porque esta experiência do “não-senso” é, como vimos, uma espécie de transição que leva a subjetividade a transmutar: ela reenvia, num primeiro tempo, ao lugar onde um sujeito receptor recebe a questão “onde tu-és?” (“où es-tu?”) e, num segundo tempo, ao lugar de onde o sujeito torna emissor, produtor, tendo respondido de forma “des-siderante”. (DIDIER-WEILL, 2010, p. 107, tradução nossa).

No momento de sua sideração pelo saber no real, o sujeito compreende que o objeto ao qual busca não é da ordem da demanda. Reconhecendo isso e podendo renunciar à demanda, o sujeito torna-se “des-siderado”, acreditando, assim, em seu

próprio desejo. Buscando responder à questão, trazida pelo encontro com o significante siderante, do que o sujeito é no desejo do Outro, a possibilidade de tornar-se produtor, inventor de seu estilo e de sua singularidade é aberta.

Depois de feita toda essa introdução, chegamos ao ponto de defender que o *sinthoma* deve ser a resposta de um sujeito ao se deparar, ao final de sua análise, com o significante siderante. Como vimos, o significante siderante, aquele que escapa a qualquer simbolização, convoca a angústia. Diante da paralisação siderante do saber no real, o sujeito poderá responder, a partir de seu *sinthoma*, com a produção de um significante novo, algo da ordem de uma invenção, uma invenção *sinthomática*.

Aqui abro um parênteses para definir a palavra “invenção” sob o olhar da psicanálise. Uma das definições que nos dá Lalande parece aproximar-se do que buscamos quando usamos a palavra invenção no processo analítico: “(...) combinação nova de meios com vista a um fim. (...) *Invenção*, nesse sentido, opõe-se a *descoberta*, que se diz apenas daquilo que preexistia (...)” (LALANDE, 1999, P.597). A descoberta tem a ver com achar o que já existe, a invenção aponta para uma transformação em algo novo. Invenção também se distingue de criação. No *Seminário 7: a ética da psicanálise* (1959-60), Lacan fala de uma criação que se dá a partir do nada, *ex-nihilo*. A invenção, por sua vez, na nossa leitura, não se dá a partir do nada, mas trata-se de colocar algo de si em alguma coisa que já está ali, produzindo, dessa forma, uma inovação.

Quando Lacan diz na aula de abertura de seu *L'insu* que irá tratar naquele ano de “algo que vai mais longe que o inconsciente” (LACAN, 1976-77, lição de 16 de novembro de 1976) está se referindo ao saber no real. Não há só o saber inconsciente, mas algo além, que vai mais longe, que aponta para o real. Aliás, na aula de 13 de

abril de 1976, do seu *Seminário: o sinthoma*, Lacan diz que o “real” é a sua resposta sinthomática, ou seja, é o seu sinthoma, sua invenção. Nessa mesma aula, que foi intitulada *Do inconsciente ao real* (LACAN, 1975-76, p.125) será que não poderíamos chamá-la “Do sinthoma de Freud ao sinthoma de Lacan”? Enquanto, para Freud, a descoberta do inconsciente serviu como seu sinthoma, para Lacan seu sinthoma é a invenção do real, ou seja, um ir mais longe que o inconsciente de Freud. De toda forma, Lacan nessa aula deixa explícito seu ir além de Freud sem, é claro, deixar de ser freudiano.

Poder prescindir do significante do Nome-do-Pai, servindo-se de suas falhas para criar o furo que possibilitará ao sujeito ser o inventor de seu estilo e de sua singularidade, não é esse o objetivo de uma cura analítica? Tornar-se inventor é saber-fazer algo novo com o real que o sidera.

Na lição de 16 de novembro de 1976 de seu *Seminário L'insu...*, Lacan coloca a questão: “Com o quê se identifica alguém no final da análise?” Não é ao seu inconsciente, responde imediatamente, pois o inconsciente permanece sendo o Outro. Trata-se de identificar-se ao seu sinthoma. Nesse sentido, continua Lacan, o sinthoma é o que se conhece melhor, o que está mais próximo. Conhecer o sinthoma quer dizer saber-fazer ali com, saber desembaraçá-lo, manipulá-lo. Acreditamos que o saber-fazer aqui não se trata de saber interpretá-lo, o que se faz com o sintoma, mas de saber-fazer onde justamente não se pode ler, saber-fazer ali onde o inconsciente fracassa, onde há comparecimento do real clamando pela colocação de “algo de si”, de uma invenção de um estilo. “*Savoir-faire* aí com o próprio sintoma², esse é o final

² Embora nas versões que consultamos deste seminário esteja grafado *symptôme*, acreditamos que Lacan estava querendo dizer sinthoma. Na verdade, embora tenha dedicado um seminário inteiro para falar do sinthoma, mesmo depois disso a grafia dessa palavra ainda é oscilante. Ora aparece com “th”,

de análise”. (LACAN, 1976-77, lição de 16 de novembro de 1976). *Savoir-faire* é um saber fazer que não está isento da possibilidade do equívoco (*l'une bévue*). Por sua vez, “o equívoco é algo que substitui ao que se funda como um saber que se sabe, o princípio de saber que se sabe sem sabe – *lo*.” (Ibid., lição de 21 de dezembro de 1976). O equívoco vem desbancar o saber apontando para um outro saber que não se sabe, saber no real que difere do saber inconsciente, com o qual é preciso saber-fazer. Dessa forma, Lacan prioriza o saber-fazer em detrimento do saber. Na verdade, prioriza o *savoir-y-faire*, o saber-ali-fazer, que introduz na lição de 11 de janeiro de 1977. Ao falar do inconsciente freudiano a partir de efeitos significantes, diz que há um saber imposto ao homem ao qual ele “(...) não sabe fazer com o saber, é o que se chama sua debilidade mental (...)” (LACAN, 1976-77, lição de 11 de janeiro de 1977). Não sabe *y faire*. Faz então a diferença marcada pela introdução do “y” que é uma nuance do francês que não se pode dizer em todas as línguas. “*Savoir-y-faire* é outra coisa que *savoir-faire*. Isto quer dizer se desembaraçar, mas esse ‘*y faire*’ indica que nós não pegamos verdadeiramente a coisa, em suma, como conceito” (Ibid.). Dessa forma, *savoir-y-faire* implica um desatar-se, desfazer-se de algo, remetendo, assim, a um desnudamento. Por outro lado, o “*y faire*” vem indicar que não se consegue pegar tudo, há algo que escapa e que o discurso tenta vir em socorro. Saber-ali-fazer com, apesar desse algo que escapa, ou melhor, saber-ali-fazer a partir do que escapa, do que não se pega. Servir-se do que escapa para inventar o que será o ponto de partida de sua singularidade enquanto sujeito. Saber-fazer ali com o que vem em substituição (dos restos) ao sintoma. Em outras palavras, com o que sobrou do trabalho analítico do sintoma, com o saber dali advindo, poder saber-ali-fazer com seu estilo a sua invenção.

ora não. Também devemos levar em consideração que os seminários de Lacan foram falados e só depois transcritos por outra pessoa.

Na lição de 19 de abril de 1977 de seu *L'insu*, Lacan propõe tomar a dimensão da verdade como variável. Condensando as duas palavras, “variedade” (*variété*) com “verdade” (*verité*), forma o neologismo “varidade” (*varidad*). Cria essa nova palavra para dizer da passagem que se dá do sintoma enquanto portando a verdade à “varidade” do sinthoma, ou seja, a variedade da verdade do sinthoma, apontando aí para a singularidade. Assim, como comenta Harari, “(...) o saber-fazer-ali-com transforma a tal extremo a teoria do final de análise que o desígnio desta se torna distinto da busca da verdade.” (HARARI, 2003, p. 127). Não é mais a busca da verdade que está em jogo, mas a busca da singularidade a partir da identificação ao sinthoma. Nas palavras de Lacan, “(...) o que o analisante diz na espera de verificar-se não é a verdade, é a varidade do sinthoma”. (LACAN, 1976-77, lição de 19 de abril de 1977). Aí está a proposta do final de análise das últimas elaborações de Lacan: a identificação ao sinthoma. Tal proposta visa a desatar a forma sofredora de gozar pela fantasia e instituir a responsabilidade no sujeito de saber-fazer-ali a partir do seu sinthoma.

Aliás, responsabilidade é outro termo caro a Lacan. No *Seminário 23* ele inicia sua quarta aula dizendo:

Só se é responsável na medida do seu *savoir-faire*.

Que é o *savoir-faire*? É a arte, o artifício, o que dá à arte da qual se é capaz um valor notável, porque não há Outro do Outro para operar o Juízo Final. (LACAN, 1975-76, p.59).

Porque não há Outro do Outro torno-me responsável no ofício de saber-fazer-ali-com minha habilidade, imprimindo minha singularidade como artífice do meu Juízo Final. “Trato de dizer que a arte, neste caso, está mais além de um simbolismo.

A arte é um saber-fazer e o simbólico está no princípio do fazer. Acredito que há mais verdade no dizer da arte do que em qualquer bla-bla” (LACAN, 1976-77, lição de 18 de janeiro de 1977), proclama Lacan em seu *L’insu*. Mas seria só a produção artística um saber-fazer? Todo o final de análise deverá ter como resultado uma invenção artística? Ou como o artífice, o sujeito no final de seu percurso analítico deverá saber-fazer-ali-com os pedaços de real que escaparam da não metaforização na estrutura, inventando sua arte, independente de ser uma produção artística? Harari nos ajuda nessa resposta, sugerindo que tomemos a arte como metafórica: “(...) saber-fazer com arte: isto é, ter a possibilidade de levar a cabo determinadas *artimanhas*” (HARARI, 2003, p.122-23). Saída ética e responsável pela sua invenção sinthomática. Assim, concordamos com Safouan quando diz que “O sinthome será a resposta de um sujeito confrontado com a obrigação de assumir sua singularidade” (SAFOUAN, 2007, p.244).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CHATEL DE BRANCION, Marie-Magdelaine. (1988). O sintoma – Seminário brasileiro. In: *Do sintoma ao sinthoma*. Tradução de Angela Ferreto-Jesuino. Publicação da Escola Letra Freudiana nº17/18.

DIDIER-WEILL, Alain. *Inconsciente freudiano e transmissão da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. *Un mystère plus lointain que l’inconscient*. Paris: Flammarion, département Aubier, 2010.

HARARI, Roberto. *Como se chama James Joyce?: A partir do seminário Le Sinthome de J. Lacan*. Rio de Janeiro: Ágalma e Cia de Freud, 2003.

LACAN, Jacques. 1959-60). *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

_____. (1964). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

_____. (1975-76). *O Seminário, livro 23: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

_____. (1976-77). *O Seminário, livro 24: L’insu que sait de l’une-béveu*

s'aile à mourre. (Inédito).

LALANDE, André. *Vocabulário técnico e critic da filosofia.* 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SAFOUAN, Moustapha. *Lacanianas II.* Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007.

VEGH, Isidoro. *O próximo: enlaces e desenlaces do gozo.* Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.